

Enwa



DIRECÇÃO DE
HELENA E MAMIA
ROQUE GAMEIRO

eva

ANO 6.º — N.º 305
14 de Março de 1931
LISBOA

★ A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODAS AS REVISTAS FEMININAS PORTUGUÊSAS ★



FRAN-
CISCO
MANUEL

PINA
LOPES
BULHOSA

Este interessante bambino é o *senhor* Francisco Manuel Pina Lopes Bulhosa, (É o caso do nome maior que a pessoa...). Não tem, por enquanto, biografia, mas o avô, o tenente-coronel sr. Francisco Pina Lopes, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Continente e Ilhas, que — aqui para nós — não vê outra coisa, conta fazer d'ele um cidadão às direitas: mas terá que esperar que êle, primeiro, aprenda a lêr.

A MARQUESA DE BORBA

POR MARIA MAGDALENA

NA gravura primorosa de Domingos Sequeira, nas sombras, nos claros escuros, nos relêvos aveludados do desenho magnífico, mais do que numa tela colorida resalta a expressão impressionante de bondade de D. Margarida Teles da Silva, Marquiza de Borba.

Já não era nova quando foi desenhada por Sequeira. As feições angulosas, o queixo proeminente, o enormes nariz que ensombra uma boca feia, a larga testa onde o pouco cabelo corredio e liso se ageita sem arte nem graça, atestam que a Marquiza de Borba nem mesmo em nova teria sido bonita.

Mas naquêlê rôsto ao qual o espelho decerto não murmurou nunca litânias de vaidade, que lindíssima alma se adivinha, que doçura naquêles olhos que nunca olharam o mal, que bondade naquêlê boca que nunca se abriu para murmurar do próximo, para proferir palavras de ira, de impaciencia, de inveja ou de cubiça, que Deus talhou tão grande para que muitas palavras de bondade nela coubessem!

Da sua crónica ou elogio escrito pelo padre Villela da Silva constam grandes actos de piedade e de virtude da Marquiza de Borba.

Nascida em Lisboa em 1746, filha do Conde de Vila Maior, da casa de Alegrete, e de D. Eugénia de Menezes, da casa dos Condes de Tarouca, logo de pequenina descobriram na sua alma tesouros de bondade, e se a sua beleza se não desenvolvia os seus dotes de espírito e de intelligência cada vez mais iam causando o espanto da sua família e dos seus mestres.

Estudou o latim e o grego, falava perfeitamente o alemão, o francês e de matemáticas e geometria fez exame público a que assistiram não só as pessoas da mais alta gerarquia, mas ainda muitos sábios e públicos professores...

Continúa o padre Villela no seu elogio, contando que D. Margarida desde menina tão entregue fôra ao estudo e a obras piedosas que nem tempo tinha para os folguedos da sua idade, e só como distracção aos seus sérios estudos lia os poetas portuguezes antigos e modernos, e muito presava as obras do bom Ferreira, de Sá de Miranda, do suavissimo Bernardes, do devoto Agostinho da Cruz.

Muitas senhoras, naquêlê época, eram, como D. Margarida, instruídas em línguas e sciências, causando espanto nas côrtes estrangeiras a instrução das nossas diplomatas. Rara era a senhora que não soubesse a fundo o latim e por conseguinte o portuguez, e nada impedia essas senhoras instruídíssimas, algumas escritoras e poetisas, de educarem os seus filhos e dirigirem a sua casa.

As virtudes e intelligência de D. Margarida Teles da Silva supriam a sua falta de beleza física, e leais e bons fidalgos começaram de a cortejar. Ficou justo o seu casamento com D. Tomás de Sousa Coutinho, Conde de Redondo e Marquês de Borba, *com quem viveu feliz e ditosa pelas leais qualidades de seu esposo enriquecendo com o seu bom gôsto o seu palácio de obras primas de pintura e escultura.*

Como a célebre princesa Spiridina, do conto de fadas, a Marquiza de Borba soube inteligentemente substituir a beleza pelo espírito, e no seu palácio, frequentado por artistas, conseguiu prender o marido, tornando com a sua presença e a sua conversa agradáveis os serões da sua casa, e *tão clara era a sua fala, (diz o Padre Villela), no mais puro e clássico portuguez, que dizia o Marquês de Penalva que um simples recado que sua Excelência desse devia tomar-se de côr.*

Melhor educadora não podia haver para seus filhos, que tinham em sua mãe o modelo de todas as virtudes. *Governando uma família numerosa, mais parecia mãe carinhosa do que senhora. Sua Excelência repreendia mais com o exemplo do que com a palavra.*

A sua morte foi o prémio da sua vida santa, pois mais serena e feliz não podia ser, segundo o seu elogio.

«Aos 6 de Outubro, aos 91 anos de idade, estando no sítio de Pedrouços, ouvindo missa em sua capela, depois de recebido Nosso Senhor e estando de joelhos dando as devidas graças, foi então assaltada pela morte na tribuna da mesma capela», af a foi encontrar um criado da casa, de bruços, segurando na mão o livro de orações e no regaço os patacos de cobre e os pintos para as esmolos que sempre distribuía no fim das missas».

Morreu D. Margarida, Marquiza de Borba,

no seu posto de mulher cristã, de joelhos, com o seu livro de horas na mão, e, como a Rainha Santa Izabel, com os dinheiros das esmolos na escarcela, dívida a Deus que levou para o Céu!

